



**X SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA DA UERJ  
OUTUBRO DE 2015**

## **"NÃO INVENTO, APENAS TRANSMITO": RE-INTERPRETANDO A ESCRITA HISTORIOGRÁFICA DE CONFÚCIO**

**André Bueno<sup>1</sup>**

**Resumo:** Nessa comunicação, pretendemos analisar a escrita historiográfica de Confúcio (551 a 479 AEC), com base no livro "Primaveras e Outonos", de sua autoria. Nele, o antigo pensador chinês lançava as bases de uma história ética e reflexiva, que marcaria profundamente as teorias históricas chinesas, cuja relação com a ideia de "verdade histórica" estaria ligada a uma condição específica do uso da linguagem.

**Palavras-Chave:** Sinologia; Historiografia Chinesa; Primaveras e Outonos

**Abstract:** In this communication, we intend to analyze the historiographical writing of Confucius (551-479 BCE), based on the book "Spring and Autumn", of his own. In it, the ancient Chinese thinker laid the basis for an ethical and reflective history, that deeply mark the Chinese historical theories, whose relationship with the idea of "historical truth" would be linked to a specific condition of use of language.

**Keywords:** Sinology; Chinese historiography; Spring and Autumn

### **Introdução**

A história tradicional chinesa possui seus próprios conceitos, desenvolvidos por uma historiografia em construção contínua desde o século -6.<sup>2</sup> Buscar compreender esses conceitos e teorias é, antes de tudo, um difícil trabalho de tradução. Por vezes, como nós, os chineses denominam seus próprios procedimentos de maneira conceitual, por meio de termos e palavras definidas, permitindo uma identificação clara dos mesmos nos textos. Em outras ocasiões, porém, há uma sistemática em pleno uso, embora ninguém a denomine apropriadamente. De conceito, ela torna-se um "estilo", uma forma de proceder na escrita, que podemos nomear por aproximações, mas não sem correr certos riscos.

Devemos ter em mente que os chineses antigos, ao estabelecerem seu cânone histórico, pensavam a história como uma forma diferenciada de literatura, calcada em evidências, e analisada sob um prisma intelectual que teríamos certa dificuldade em classificar. Os pensadores chineses transitavam entre diversos campos – História, Filosofia, Arqueologia, Antropologia, Arte, etc. – de maneira interdisciplinar, tornando absolutamente arbitrárias e movediças nossas possíveis classificações sobre o seu modo de fazer História.



## X SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA DA UERJ OUTUBRO DE 2015

Assim, investigar a metodologia e o conceitual histórico dos chineses é um relevante desafio para a Teoria da História, apresentando-nos possibilidades enriquecedoras de compreender uma antiqüíssima tradição histórica cuja continuidade, por si só, nos revela diferenças sutis e interessantes.

Nesse texto, buscaremos discutir a escrita histórica de Confúcio 孔夫子<sup>3</sup> (-551 a -479) presente no livro *Primaveras e Outonos* (*Chunqiu* 春秋). Esse livro trata de uma longa compilação dos principais eventos ocorridos na China entre -722 e -481, organizados cronologicamente, e que apresentam uma metodologia constitutiva singular. Pretendemos discutir como, nesse livro, se dava a aplicação do conceito de *Analogia*, conceito fundamental na estruturação da escrita histórica chinesa. A própria palavra *Analogia* (αναλογία), proveniente do grego, incorpora uma noção não diretamente traduzível para o chinês: todavia, o processo análogo – comparação, exemplificação, metáfora – era vastamente empregado na escrita histórica, nos permitindo traduzir o procedimento por meio de um termo que se aproxima. A palavra chinesa usada em um contexto de comparação (*Bi* 比) denota uma relação direta de mediação entre dois objetos, sujeitos ou situações. Ela pressupõe a análise por meio da identificação de elementos comuns ou diferentes, bem como indica que algo está para outro em um grau qualitativo ou quantitativo. Por causa disso, a estrutura lingüística chinesa deixava em aberto a definição de um termo para esse procedimento, mas o realizava de modo direto na construção frasal. O termo atual, que designa em chinês “Analogia” é, justamente, *Biyu* 比喻, que pode ser traduzido como “explicar uma comparação”

Outras formas de indicação análoga se davam pela contextualização espaço-temporal, fosse pela ocorrência de uma situação X, comparada a situação Y, ou pelo exemplo dado por uma determinada figura Z, em contraposição a outras figuras. Uma conhecida passagem chinesa exemplifica bem isso: “Não faça aos outros o que não quer que seja feito para consigo”.<sup>4</sup> Ou seja: não faça X (ação) para outros (Y), pois isso pode se voltar contra si mesmo. Esse raciocínio era aplicado às passagens históricas. Poder-se-ia compreender um evento, passagem ou atitude de um personagem histórico por empatia? O que Confúcio buscava construir em sua literatura histórica, portanto, seriam imagens referenciais sobre as



## X SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA DA UERJ OUTUBRO DE 2015

quais poderia se estabelecer algum tipo de correlação ou reflexão. Embora esse procedimento tornasse a abordagem histórica um procedimento indireto, por outro lado, ele construiu um largo arcabouço de imagens disponíveis a classificação e comparação, concretizadas nas formas e temáticas do discurso histórico. O que veremos aqui, portanto, é como se davam essas construções, e seus efeitos para a padronização de uma escrita histórica desde a China antiga.

### **O surgimento do pensamento correlativo**

Para compreendermos o surgimento do pensamento análogo entre os chineses, precisamos retornar ao século -12, quando estava sendo redigido o primeiro manual chinês de ciências naturais, o *Tratado das Mutações (Yijing 易經)*.<sup>5</sup> O *Yijing* é provavelmente o primeiro livro chinês a nos dar uma visão organizada de universo, buscando explicar a natureza por meio de suas estações, tendências e qualidades, expressas num sistema complexo absolutamente associativo, simbólico e correlacionado. As forças naturais são catalogadas em conjuntos de expressões – água, fogo, trovão, montanha, etc. – que significam expansões de um sistema dual primário, conhecido por *Yin* 阴 – *Yang* 阳. Yin e Yang não são duas forças primevas, ou duas essências universais, e uma série de equívocos tem sido causados, nesse sentido, entre os leitores ocidentais - e mesmo entre os chineses - que desconhecem mais profundamente essa teoria. *Yin* e *Yang* representam, nesse antigo sistema cosmológico, a idéia de uma oposição primária e correlata, pelo qual algo se revela pela sua interdependência com outra coisa. São, por assim dizer, coordenadas pelas quais concebemos uma imagem, operando em nível básico como nossa classificação X e Y. Nesse sistema, pois, tudo se define por oposição complementar. Uma simples linha só existe, por exemplo, pela contraposição do traço no papel; ela mesma só existe porque tem dois lados, e divide o espaço em dois, etc.

De modo a organizar a expressão dessas tendências, os autores do *Yijing* decidiram grifar como um traço contínuo a coordenada *Yang* ---- e, como um traço partido, a coordenada *Yin* --o--. A combinação dessas linhas em sistemas triplos gerava os *Gua* 卦 (Trigramas), que representavam oito fenômenos ou dimensões básicas da natureza (como



## X SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA DA UERJ OUTUBRO DE 2015

dissemos; Água, Fogo, Céu, Terra, Trovão, Montanha, Lago e Vento), denominados de sistema *Bagua* 八卦 (Oito trigramas). A representação ternária foi bem sintetizada pelo filósofo Laozi 老子 (séc.-6): “O um gera o dois, o dois gera o três, e o três gera as dez mil coisas”.<sup>6</sup> Assim, de um princípio único é gerada a oposição complementar; dela, surgem os trigramas, imagens da natureza; e da associação deles surgem todos os seres, estações, movimentos da natureza. Nessa idéia, estava implícita a cópula entre as duas coordenadas para a geração de uma imagem.

O *Bagua* organizava as tendências da natureza num sistema que indicava direções, movimentos, posturas e qualidades, expressos em dois arranjos básicos chamados de “Céu Anterior” e “Céu Posterior”. Não nos cabe aqui aprofundar a complexidade desse sistema cosmológico, mas explicar seus desdobramentos para a mentalidade chinesa. As seqüências organizadas de trigramas produziam sessenta e quatro hexagramas, que representavam, dentro desse sistema, as tendências e propensões dos movimentos naturais. Por causa disso, os chineses desenvolveram a crença de que o *Yijing* poderia explicar as leis ecológicas, bem como ser utilizado com fins oraculares, antevendo eventos, o desfecho de situações naturais e explicando a configuração e propriedades de determinadas tendências sociais e cosmográficas.<sup>7</sup>

O papel do *Yijing*, porém, era mais amplo. Ele descrevia e acompanhava a *Mutação* (Yi 易), ou ainda, *Tudo-abaixo-do-Céu* (Tianxia 天下) por meio de símbolos, de sistemas correlatos, que permitiam explicar “cientificamente” a Natureza e o Mundo através do sistema Yin–Yang. Isso obviamente acompanhava a estrutura lingüística chinesa, que nasceu, e se desenvolveu, por meio de expressões Logográficas (Pictografias e Ideografias), tornando a linguagem chinesa um meio de expressão de imagens.<sup>8</sup> O importante, contudo, é que o *Yijing* legou a idéia fundamental de que o contexto material e temporal (logo, *histórico*) é expresso por uma imagem, a ser decodificada pela interpretação das linhas. Um evento histórico qualquer é um acontecimento no mundo material (isto é, no *Mundo da Mutação*), e por isso é mutável, efêmero, transitório. Não se pode resgatá-lo por completo, mas dele se poderia extrair ou registrar uma imagem que captaria a sua essencialidade, expressa num Hexagrama



## X SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA DA UERJ OUTUBRO DE 2015

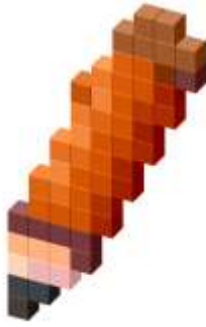
qualquer que explicasse a configuração da natureza e das forças envolvidas no referido acontecimento. Ou seja, o registro hexagramático representava uma analogia ao processo natural – e por conseqüência, histórico. O sinólogo Richard Wilhelm (1873+1930), numa das mais qualificadas traduções do *Yijing*, transcreveu a interpretação histórica do surgimento dos hexagramas, com base no texto do *Baihutong* 白虎通,<sup>9</sup> cujos trechos selecionados exemplificam bem essa idéia. Selecionei as duas primeiras seções, que explicam (de forma mítica) o surgimento da civilização humana a partir do grande herói e artífice Fuxi 伏羲 (ou, Paoxi 庖犧), que teria concebido a teoria do *Bagua* e dos hexagramas, e a partir dela, as leis e tendências da Natureza:

1 — Quando na mais remota antigüidade Paoxi governava o mundo, ele levantou os olhos e contemplou as imagens no céu, e abaixou os olhos e contemplou os fenômenos na terra. Observou os sinais dos pássaros e dos animais, e sua adaptação às regiões. Ele procedia diretamente a partir de si mesmo, e indiretamente a partir das coisas. Inventou, assim, os oito trigramas, para entrar em contato com as virtudes dos deuses luminosos e para organizar as condições de todos os seres.

(...)

2 — Ele trançou cordas e as utilizou em redes e cestas para caça e pesca. Provavelmente inspirou-se para isso no hexagrama ADERIR.

*Análise de Richard Wilhelm:* Esse capítulo explica como todas as criações da civilização apareceram como reproduções de imagens ideais arquetípicas. Essa idéia encerra uma verdade superior. Todo invento surge primeiro como imagem na mente do inventor, antes de aparecer como "utensílio", como "objeto acabado". Partindo da escola representada por Xizi, para a qual os 64 hexagramas misteriosamente apresentam imagens paralelas à natureza, aqui se procura deduzir as invenções humanas que conduziram ao desenvolvimento da civilização. Isso não deve ser interpretado no sentido de que os inventores tivessem simplesmente tomado os hexagramas do Livro e realizado a partir deles suas invenções, mas sim que as invenções tomaram forma na mente de seus autores a partir das tendências representadas nos hexagramas. A rede é composta de malhas vazias por dentro, cercada de fios por fora. O hexagrama *Li*, O ADERIR (n.30), representa uma reunião de tais malhas. Além disso, o ideograma significa "aderir" a algo, "ser apanhado por". Por exemplo, no Livro das Odes em vários trechos se diz que o ganso selvagem ou o faisão foram apanhados pela rede (*Li*).<sup>10</sup>



## **X SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA DA UERJ OUTUBRO DE 2015**

Embora essas crenças não possam ser datadas, sabemos que esse sistema constituía a base para a interpretação da Natureza e da realidade no século -12, e se tornaria o pilar das futuras ciências chinesas. Para o campo do pensamento chinês, contudo, sua contribuição fundamental era a importância dada à representação análoga. Os chineses construíram uma série de discursos sobre o problema, alcances e limites das analogias, e isso se refletiu diretamente na escrita histórica.

### **A crise ética do séc. -6 e a História Confucionista**

Uma série de crises políticas e sociais afetava a estrutura do império chinês, durante a dinastia Zhou 周, em torno do séc. -6. A China estava fragmentada em diversos reinos, envolvidos numa escalada crescente de violência, que parecia se encaminhar em breve para uma absoluta guerra civil. Uma preocupação generalizada com o destino da civilização surgira entre diversos pensadores e intelectuais, marcando também um momento fértil para a reelaboração do pensamento chinês.<sup>11</sup>

Confúcio 孔夫子 (-551 a -479) foi, provavelmente, o mais conhecido e destacado deles. Em sua avaliação, o problema central da sociedade desse período era a ausência de um programa educacional mais amplo, que privilegiasse o estudo e o resgate da Cultura e das Tradições (Li 禮). Sem conhecimento do passado, seria impossível compreender os fundamentos da vida humana, em harmonia com a natureza (Tudo-abaixo-do-Céu), levando a um estado de desequilíbrio que provocava a guerra, ao conflito e a perda de valores. A partir disso, pois, a História transformar-se-ia no principal fundamento da moral, e seu estudo abriria as portas para a redenção do indivíduo, possibilitando-lhe o conhecimento das raízes de sua cultura. Por essa razão, Confúcio afirmou: “Mestre é aquele que, por meio do antigo, descobre o novo”<sup>12</sup> e “amo os antigos, e os imito”<sup>13</sup>. Sua pretensão não era de reinventar a história, mas de repassá-la (transmiti-la) de modo a perscrutar o passado em busca de respostas<sup>14</sup>, dando continuidade e preservando as tradições.<sup>15</sup> Nesse sentido, Confúcio trabalhou na difusão de uma série de livros antigos que, a seu ver, poderiam estabelecer um



## X SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA DA UERJ OUTUBRO DE 2015

conhecimento mais completo sobre a Antiguidade Chinesa. Eram os seis clássicos (Liujing 六經), que consistiam em:

- O *Tratado das Poesias* (*Shijing* 詩經), que apresentava poemas e canções antigas, ilustrando o cotidiano, os ideais e as angústias da sociedade antiga;
- O *Tratado das Mutações* (*Yijing*), como já dissemos, explicava a ciência chinesa;
- As *Recordações da Cultura* (*Liji* 禮記) consistia numa enciclopédia das tradições, costumes e leis chinesas, abrangendo vários aspectos sociológicos;
- O *Tratado da Música* (*Yuejing* 樂經, hoje perdido) apresentava as teorias e músicas mais conhecidas, aproximando-se do *Tratado das Poesias*;
- O *Tratado dos Livros* (*Shujing* 書經) era uma coletânea das principais passagens e discursos da história chinesa, revelando seus grandes heróis, vilões e acontecimentos marcantes;
- As *Primaveras e Outonos* (*Chunqiu* 春秋), por fim, se tratava de uma cronologia episódica dos tempos mais recentes, feita pelo próprio Confúcio, com os registros e arquivos mantidos pelo Estado de Lu, sua terra natal e lugar onde passou seus últimos anos.

O *Shujing* e o *Chunqiu* eram, por excelência, os dois livros especificamente voltados para a literatura histórica. O *Shujing* era construído por longos capítulos, nos quais apareciam personagens importantes e episódios diversos da história chinesa, cujo escopo era fomentar a criação de *imagens exemplares* – ou seja, dentro da lógica da analogia, proporcionar ao público os modelos inspiradores do passado. Todavia, não nos deteremos nesse livro, tendo em vista que ele é anterior a Confúcio; nosso objetivo aqui é analisar melhor o *Chunqiu*, que teria sido escrito pelo próprio mestre.



## X SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA DA UERJ OUTUBRO DE 2015

### As Primaveras e Outonos

Ciente de que a história pode ser esquecida ou perdida, Confúcio investiu em outro tipo de redação: ele elaborou uma longa relação de eventos, organizados cronologicamente, com base nos Anais de sua terra natal, o Estado de Lu 魯國. As informações são sucintas, apresentando uma data, uma relação de informações, organizadas pelas estações do ano, e mais nada. A primeira leitura dessas crônicas é decepcionante, e praticamente inacessível: quase nada podemos extrair delas, em sua forma original. No entanto, a escrita de Confúcio tinha um objetivo bem claro em sua época: ela buscava *criar imagens*, por meio da linguagem, e estimular o leitor ao debate e a reflexão. Como vimos, o pensamento chinês, bem como a linguagem, estavam estruturados diretamente a questão da imagem como símbolo transmissor de idéias. Assim, pois, o raciocínio de Confúcio se dirigia a uma interpretação da percepção estética e literária sobre a elaboração das imagens históricas. Naquela época, as passagens por ele elencadas eram provavelmente conhecidas de todos. A questão *era* como Confúcio escrevia: havia todo um vocabulário próprio, cujo sentido específico era carregado de sentidos morais. O texto devia ser ‘traduzido’, para que o estudioso pudesse compreender o que ele expressava. Nisso, pois, Confúcio determinava aos seus personagens avaliações, condenações e enaltecimentos, numa apreciação que, durante anos, causou temor e preocupação entre os nobres chineses.

Mesmo assim, com o tempo, as explicações para as passagens foram se diluindo ou tornando-se confusas, o que levou posteriormente a redação de três livros auxiliares para explicar o *Chunqiu*: o *Zuo zhuan* 左傳 (*Comentário Zuo*)<sup>16</sup>, o *Guliang zhuan* 穀梁傳 (*Comentário Guliang*) e o *Gongyang zhuan* 公羊傳 (*Comentário Gongyang*). Outros livros de comentários teriam existido, mas esses três foram os que mais se difundiram, sendo o *Zuo zhuan* considerado, pela maior parte dos Confucionistas, como o comentário “ideal” do *Chunqiu*. Um fragmento irá nos ilustrar o teor do livro:

Na primeira lua da primavera do nono ano do seu reinado, o duque de Zhuang 魯莊公 derrotou o exército do Estado de Qi em Chang Zhuo (-683).





## X SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA DA UERJ OUTUBRO DE 2015

*Comentário Zuo:* Tendo o Estado de Qi declarado guerra, e estando o nosso duque preparado para iniciar a campanha, apareceu um homem chamado Cao Gui a pedir uma audiência. Disseram-lhe os seus conselheiros:

- Os oficiais já decidiram sobre as estratégias a adotar. Que papel pensas desempenhar nesses planos?

- Eles não passam de um grupo de incompetentes, que não têm a menor idéia do que sejam planos secretos.

Cao Gui acabou sendo levado à presença do duque, e imediatamente interrogou: Que forças dispõe vossa alteza para fazer a guerra?

- Nunca monopolizei alimentação e roupas, sempre as partilhei com todos - respondeu o duque.

- Isso não passou de um pequeno favor, compartilhado apenas por alguns. O povo não o acompanhará, fiado apenas nesse motivo.

- Bem - continuou o duque - nos sacrifícios aos deuses, confiei mais na sinceridade do coração do que no fausto das aparências.

- Também isso constitui uma razão insuficiente. Os deuses não abençoarão as vossas armas baseados apenas nessa desculpa.

- Nas investigações judiciais, ainda que fosse difícil dar com a verdade, tomei decisões sempre de acordo com provas que me foram apresentadas.

- Também isso está longe de lhe dar a certeza de confiar no povo, e pode comprometer o resultado da guerra por causa disso. Peça-lhe, assim, para o acompanhar na sua campanha.

A isto o duque acedeu, levando Cao Gui na sua própria carruagem.

A batalha travou-se em Chang Zhuo. E à vista do inimigo, o nosso duque deu sem demora as suas instruções para se iniciar o ataque, mas Cao Gui advertiu:

-Ainda não.

E só quando os tambores do inimigo rufaram três vezes é que Cao Gui aconselhou a não atacar.

E o duque prontamente deu ordens para os perseguir, mas Cao Gui tornou a dizer:

-Ainda não.

Apeou-se da carruagem, e estudou cuidadosamente os trilhos dos carros adversários. E só depois de examinar tudo com os seus olhos, gritou:

- Agora.

E o duque deu ordem então para perseguir os inimigos.

Quando a batalha foi totalmente ganha, o duque pediu a Cao Gui uma explicação da sua tática.

- Uma batalha - respondeu este - depende inteiramente, e acima de tudo, do ardor dos combatentes. Ao primeiro sinal do tambor, o ardor do inimigo estava violentamente excitado. Com o segundo, começou a



## X SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA DA UERJ OUTUBRO DE 2015

atenuar-se. E com o terceiro, entrou em exaustão. Então, quando o ardor do inimigo chegou a essa fase, estavam os nossos no auge do seu ardor. Assim os vencemos. Porém, contra uma formidável força inimiga, deve estar-se preparado para tudo. Receava uma emboscada. Mas, verifiquei pelos trilhos das carruagens, que a retirada foi feita em visível desordem. Reparei igualmente nos seus pendões, e concluí que se agitavam também em confusão. Portanto, aconselhei que só nessa altura se perseguisse o inimigo.<sup>17</sup>

Notem, pois, o comentário de Confúcio: o Duque *derrotou* (grifo meu) o exército de Qi. Apenas isso! É o verbo “*derrotar*” que tem a implicação crucial, que nos permite decodificar a passagem, como está no *Zuo zhuan*. Significava antes de tudo, por sua interpretação, que Qi estaria errado em seus propósitos ou meios, e por essa razão, fora derrotado. Mas quais seriam? É o *Zuo zhuan* que fornece a historietta conexa que explica a passagem. O duque Zhuang contava com generais hábeis e moralmente superiores, além de ser, ele mesmo, uma pessoa de inteligência privilegiada e modesta – ou não teria aceito os conselhos de Gui. Dar ouvidos a Gui foi, pois, uma atitude sensata. Tudo isso era compreendido, assim, a partir da análise de um único termo.

A elaboração desse método de escrita impactou profundamente a Historiografia Chinesa: Confúcio transferira o problema da Analogia ao estabelecimento de um vocabulário, que atrelava sentidos, e demarcava uma série de eventos cronologicamente definidos que emprestavam um caráter ‘verídico’ ao acontecimento e a sua interpretação. Obviamente, os autores posteriores desenvolveram visões diferentes sobre os mesmos eventos, o que levou a criação de sucessivos comentários sobre o mesmo material. No entanto, Confúcio lançara as bases para a criação de um texto moral e reflexivo, que a tradição fez questão de preservar.<sup>18</sup>

Um fragmento do *Liji* nos explica melhor essa importância do *Chunqiu*:

Confúcio disse: Assim que entro num país, posso dizer facilmente o seu tipo de cultura. Quando o povo é gentil e bom e simples de coração, isto se demonstra pelo ensino da poesia. Quando o povo é esclarecido e cioso de seu passado, isto se demonstra pelo ensino da história. Quando o povo é generoso e disposto ao bem, isto se demonstra pelo ensino da música. Quando o povo é quieto e pensativo, com agudo poder de observação,



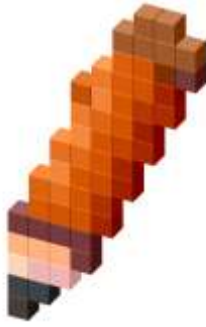
## X SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA DA UERJ OUTUBRO DE 2015

isto se demonstra pelo ensino das mutações. Quando o povo é humilde e respeitoso, sóbrio de costumes, isto se demonstra pelo ensino dos costumes (Li). Quando o povo é culto na maneira de falar, ágil nas figuras e na linguagem, isto se demonstra pelo ensino da prosa (Livro das Primaveras e dos Outonos). (...) o perigo do ensino do “Livro das Primaveras e Outonos” é que o povo se deixe contaminar pela confusão moral dominante. (...) e se um homem é culto na maneira de falar, ágil nas figuras e na linguagem, mas não é contaminado pela confusão moral dominante, decerto será profundo no estudo do Livro das primaveras e Outonos.<sup>19</sup>

### Uma Conclusão

Como bem expressa o fragmento citado, o *Chunqiu* buscava proporcionar imagens do passado, capazes de estimular a construção de uma consciência histórica habilitada a emitir juízos e avaliar contextos. A expressão direta do pensamento, calcada na sabedoria, induzia a um sistema de escrita sintético, capaz de articular a terminologia com sentidos específicos. Criava-se, assim, a “analogia perfeita” com o passado. Mais que inspiradores, os antigos seriam, pois, verossimilares com a atualidade, e suas ações nos serviriam de exemplo. Essa conquista transformaria, doravante, a escrita histórica chinesa, tornando-se uma referência em termos metodológicos e literários. Depois de Confúcio e os primeiros comentadores, foram várias as publicações cujos títulos continham “Chunqiu”, e que utilizaram o método do velho mestre para orientar a escrita de seus textos. Notável é o fato de que a escrita do *Chunqiu* ganhou uma conotação vidêntica na história chinesa. Kang Youwei (1858 +1927), eminente historiador e pensador do fim do império chinês, pressupunha que Confúcio teria compreendido a *lógica da formulação* das imagens históricas, conciliando de maneira profunda o pensamento correlativo do Yijing com a lógica histórica. Como ele mesmo cita, elucubrando sobre o futuro da História:

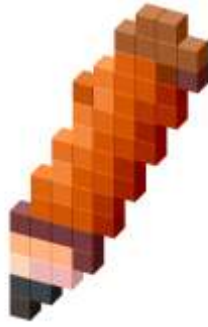
O significado das “Primaveras e Outonos” consiste na evolução de três eras: a era da desordem, a era da ordem e a era da grande paz. O caminho de Confúcio abarca as três seqüências e estas três eras. As três seqüências são usadas para ilustrar as três eras, e como isso pode ser estendido por cem gerações. O tempo dos Xia, dos Shang e dos Zhou representa a sucessão das três seqüências, na qual podemos observar suas mudanças e



## X SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA DA UERJ OUTUBRO DE 2015

acréscimos. Pela observação da mudança destes tempos, podemos saber como as mudanças operarão nas cem gerações seguintes. Como muitas das coisas foram feitas para o povo no passado, os reis seguintes não podem governar da mesma maneira que a dinastia anterior; alguns dos defeitos existentes no sistema anterior se desenvolvem e persistem, e cada dinastia tem, então, que efetuar as modificações necessárias para expurgar os erros antigos e criar um sistema novo. O curso da humanidade progride de acordo com esta seqüência fixa. Aqueles que um dia foram clãs, depois tribos, transformaram-se em nações. E das nações nasceu, então, a grande unidade. Do mesmo modo, antigamente, surgiram os indivíduos que se tornaram chefes tribais; depois, gradualmente se estabeleceram as regras pelas quais estes podiam governar seu povo; ou seja, da autocracia se evolui para o constitucionalismo; depois, do constitucionalismo se evolui para o republicanismo. Do mesmo modo, as relações entre marido e esposa, e entre pai e filho foram gradualmente reguladas e definidas. Quando elas estão presentes, as pessoas cuidam com cuidado e amor de sua sociedade, e voltam gradualmente para o que se chama grande unidade. O reverso disso conduz as pessoas ao individualismo egoísta e a desordem. Se há então a evolução da desordem para ordem, evoluiremos da ordem para a grande paz. A evolução acontecerá gradualmente, e as mudanças têm suas origens definidas. (...) quando Confúcio redigiu as Primavera e Outonos, ele analisou a três eras. Durante a era da desordem, ele considerou o seu Estado como centro, e os outros estados feudais como estrangeiros. Na era da ordem ele considerou a China como o centro, e os bárbaros de fora como estando fora do sistema. Na era da grande paz, tudo e todos serão considerados parte do sistema; quem está longe ou perto, grande ou pequeno, todos serão um. Assim se pode aplicar o principio da evolução. Confúcio nasceu na época da desordem. Agora, as comunicações se estendem através do mundo todo, da Europa a América, e o mundo se envolve na era da grande ordem. Irá chegar o dia quando em toda terra, o pequeno e o grande, o perto e o longe, serão apenas um. Não existirão mais nações, distinções raciais, e os costumes serão sempre os mesmos. Esta uniformidade é a era da grande paz. Confúcio sabia de tudo isso com antecedência.<sup>20</sup>

Mais uma vez, os chineses explicavam-se pelo seu passado, mostrando o sucesso da concepção confucionista.



## X SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA DA UERJ OUTUBRO DE 2015

### Notas

---

<sup>1</sup> André da Silva Bueno, Dr. Filosofia UGF, 2005 e Pós-Dr. em História UNIRIO, 2012. Prof. Adjunto de História Antiga da UERJ. Mail: antigauerj@gmail.com

<sup>2</sup> De acordo com um uso comum na Sinologia, as datas AEC são indicadas pelo sinal – , e as datas EC pelo sinal +.

<sup>3</sup> Na primeira aparição de um nome ou termo chinês, apresentaremos igualmente a sua forma logográfica.

<sup>4</sup> Confúcio, *Lunyu* , 15:24. Trad. Lin Yutang. Disponível em: <http://chines-classico.blogspot.com.br>

<sup>5</sup> Data especulada pela tradição chinesa, podendo ser o texto ainda mais antigo.

<sup>6</sup> Laozi, *Daodejing*, 42. Trad. Lin Yutang. Disponível em: <http://chines-classico.blogspot.com.br>

<sup>7</sup> GRAHAM, A. *Yin-Yang and the Nature of Correlative Thinking*. Cingapura: Institute of East Asian Philosophies, 1986.

<sup>8</sup> ALLETON, Viviane. *Escrita Chinesa*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

<sup>9</sup> O *Pavilhão do Tigre Branco (Baihutong)* é uma coleção de textos sobre variados temas, como História, Astronomia, Ecologia e Filosofia. Sua autoria é de Bangu 班固 (32+92), e embora se trate de um texto bem mais recente, ele resgataria a visão antiga do *Yijing* sobre a história da sociedade chinesa em seus períodos primevos.

<sup>10</sup> Confúcio. *I Ching- o livro das mutações*. Trad. de Richard Wilhelm. São Paulo: Pensamento, 1986, p.251-2.

<sup>11</sup> LEVI, Jean. *Los Funcionarios Divinos*. Trad. Maria Pradera. Madrid: Alianza, 1991.

<sup>12</sup> *Lunyu*, 2:11. Trad. Lau Din Cheuk. Disponível em: <http://chines-classico.blogspot.com.br>

<sup>13</sup> Idem, 2:11.

<sup>14</sup> “Não invento, apenas transmito”, Idem, 7:1.

<sup>15</sup> Idem, 3:14.

<sup>16</sup> A única versão disponível desse texto, em português, é a de GUERRA, Pr. Joaquim. *Quadras de Lu e Relação Auxiliar*. Macau: Jesuítas Portugueses de Macau, 1981. Cinco volumes.

<sup>17</sup> *Chunqiu*, livro 3. Trad. André Bueno. Disponível em: <http://asiantiga.blogspot.com.br/p/a-ciencia-de-registrar-o-passado.html>

<sup>18</sup> SCHABERG, David. *A Patterned Past: Form and Thought in Early Chinese Historiography*. Harvard: Harvard University Press, 2001.

<sup>19</sup> *Liji*, cap. 26. Trad. Lin Yutang. Disponível em: <http://chines-classico.blogspot.com.br>

<sup>20</sup> *Kang Youwei – uma teoria sobre o futuro da história*. Trad. André Bueno. Disponível em: <http://chinologia.blogspot.com.br/2009/08/historia.html>